

## MOMENTOS DA CRÍTICA CULTURAL MATERIALISTA

Maria Elisa Cevasco

Certamente que entre estudiosos e produtores da crítica cultural materialista é quase supérfluo recordar os seus grandes momentos no Brasil. Mas eu queria começar justamente retomando esses momentos para ajudar a estruturar o quadro onde quero colocar minhas inquietações e perplexidades de seguidora dessa tradição no Brasil de 2005. Aproveitando que trabalho com as vertentes materialistas da crítica cultural britânica e americana, vou fazer referência a momentos complementares nessas tradições para dar um ponto de comparação. Como disse Antonio Candido na sua, como sempre exemplar, exposição no seminário sobre a obra de Roberto Schwarz em São Paulo em agosto de 2004, vivemos hoje uma época em que “os Estados Unidos servem de outro para muito eu.”

Mas não custa nada repetir que tanto aqui como lá, a crítica materialista se distingue por abordar as ligações recíprocas entre a produção cultural e a sociedade de modo a elucidar a obra e alcançar um conhecimento sui generis sobre o que a sociedade que a produz oculta. Adaptando a fórmula conhecida, mas tão pouco absorvida de nosso mestre, a crítica materialista, quando se realiza, “é um instrumento de descoberta e interpretação da realidade sócio-histórica”<sup>1</sup>. Se cavocarmos um pouquinho a simplicidade aparente da fórmula, vemos que ela diz quase tudo do essencial: a crítica é um instrumento, portanto não se esgota em si mesma e tem que ser usada para alguma outra coisa. Esta outra coisa, é claro, é a pesquisa do que se esconde na aparência da realidade. Na formulação de outro de nossos mestres, desta vez o Roberto Schwarz, “se não for preciso adivinhar, pesquisar, construir, recusar aparências, consubstanciar intuições difíceis, a crítica não é crítica. Seu resultado não é a simples reiteração da experiência cotidiana, a cuja prepotência se opõe, cujas contradições explicita, cujas tendências acentua, com decisivo resultado de clarificação.”<sup>2</sup> Uma vez descobertos os elementos é necessário então interpretá-los, dar-lhes o sentido que muda nossa percepção da realidade e franqueia um ponto de vista a partir do qual é possível estruturar uma intervenção produtiva nos seus rumos.

É claro que o que se descobre, como e para que se interpreta são funções do momento que dita as tarefas e funções da crítica relevante. Entre

nós, a obra de Antonio Candido inaugura a crítica de cultura como um trabalho de sondagem da realidade social. Como sabemos, sua obra se insere no esforço de compreensão da especificidade da realidade brasileira que se consubstanciou na série brilhante de trabalhos, como, para lembrar os mais destacados, os de Caio Prado e Celso Furtado, sobre a formação do Brasil em suas diversas esferas. Trata-se de um primeiro grande momento de tentativa de se compreender o Brasil por inteiro. Trata-se, ainda, de dar conta da percepção de toda uma geração do que Antonio Candido descreve como a situação de engajamento peculiar do intelectual latino americano, sempre tendo que contribuir para a construção de uma cultura nacional ainda incompleta. Nessa hora do que hoje chamamos de “nacional desenvolvimentismo” a possibilidade de finalmente se formar um Brasil menos iníquo parecia fornecer o horizonte último da reflexão intelectual.

No seu comentário à “Dialética da Malandragem” de Antonio Candido, Roberto Schwarz chama a nossa atenção para o fato de que o chão histórico desse ensaio marcante é justamente essa possibilidade. Ela ancora a especulação de que a dialética peculiar da ordem e da desordem do modo de vida local, se comparada à rigidez da lei que molda, no exemplo escolhido, *A Letra Escarlate* de Hawthorne, pode configurar as afinidades do Brasil com “uma ordem mundial mais favorável”, ou seja, “pós-burguesa.”<sup>3</sup>

Dando mais um passo, Schwarz mostra que mesmo na hora histórica do ensaio a nação, o espaço a que se refere a forma analisada por Candido, é um conceito recuado da experiência histórica, já marcada pela unificação inédita do mundo sob a égide do capital. Para ele: “O processo social a compreender não é nacional, ainda que as nações existam.”<sup>4</sup> Lida hoje, essa observação parece apenas confirmar a generalidade do processo que agora chamamos de globalização, mas vale lembrar que o ensaio foi escrito em 1979, muito antes então dos marcadores hoje tradicionais do limiar da nossa era de capitalismo universalizado. Por este prisma, tanto o ensaio de Candido como o de Roberto Schwarz, que lhe ajusta a perspectiva, se constituem em exemplos do poder de adivinhação da crítica dialética.

Mas antes de falar da clarividência da crítica, quero lembrar um outro aspecto que o ensaio enfatiza. Temos em “Dialética da Malandragem” uma invenção categorial para dar conta da percepção de Candido de como efetivamente se dão as relações entre literatura e realidade sócio histórica. Estou falando, é claro, da noção de forma. Candido demonstra nesse ensaio a reversibilidade entre forma literária e forma social, uma contribuição funda-

mental para os estudos literários, e uma preocupação que percorre toda sua obra. Já em 1961 ele esclarecia que:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender, fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela noção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momento necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso o social) importa não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.<sup>5</sup>

Embora a leitura de grande parte de produção pós-Candido pareça não se ter dado conta disso, essa noção de forma resolve os antigos dilemas da crítica cultural em constante oscilação entre o formalismo internalista e o conteudismo externalista. Na época da produção do ensaio de Candido, o formalismo parecia exclusividade da crítica de direita – vale lembrar o caso do *close reading* americano, invenção de pseudo aristocratas sulinos temperada com a nostalgia do inglês F.R. Leavis, paladino da cultura de minoria. Enquanto isso a esquerda insistia em buscar paralelismos entre arte e sociedade, quando não se perdia nas notórias reduções da crítica marxista ortodoxa, como, para dar exemplo da tradição com que trabalho, a afirmação do jovem crítico inglês Christopher Caudwell que toda a poesia inglesa do século XV em diante é poesia capitalista<sup>6</sup>, como se essa generalização nos ajudasse a entender a poesia inglesa moderna ou o funcionamento do capitalismo em que ela é engendrada.

A noção de Candido vem justamente abrir uma perspectiva a partir da qual a crítica de esquerda pode operar de maneira mais produtiva. Só mesmo os mais obnubilados entre os críticos literários se recusariam a reconhecer que a realidade sócio-histórica desempenha um papel moldador da matéria da obra. Candido vai muito além disso. A questão para ele não é ver o social como um invólucro ou enquadramento da obra e nem, como queria a crítica ortodoxa, algo que a obra deve mimetizar. O crucial em sua contribuição é demonstrar a potência estruturante do social na forma da obra. Esta forma, longe de ser arbitrária, é a configuração de uma lógica social que não necessariamente se conhece a priori. O trabalho da crítica é desvendar essa lógica em seu funcionamento específico. Com isso, seu trabalho de descoberta e interpretação franqueia um conhecimento *sui generis* da realidade social, conhecimento que pode ser usado para apreender o sempre encoberto funcio-

namento real do processo social. Com esse movimento, Candido expropria a noção de análise formal da crítica conservadora e abre espaço para que se estruture uma crítica de esquerda com um potencial efetivo de revelação.

Seria interessante se alguém se dispusesse a levar adiante o trabalho de reconstituição histórica e avaliação teórica que Schwarz faz da obra de Candido e estudasse as condições de possibilidade de se elaborar uma visão totalizadora da forma literária entre nós. Penso que entre essas condições necessariamente de distintas ordens, deve-se contar a apropriação das técnicas da leitura formalista e, pela via do desenvolvimento histórico, a superação de posições dogmáticas como as ditadas pelas injunções dos Partidos Comunistas. É provável que a grande crise de confiança nas ortodoxias de esquerda, sintetizada nas famosas revelações do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, tenha desempenhado um papel relevante para que se pudesse recuperar para a esquerda uma crítica de cultura que fosse muito além de usar a literatura como reflexo do que já se sabia de antemão sobre a sociedade.

De qualquer maneira, vale lembrar que esse momento alto de decompressão do normativismo da crítica de esquerda é um processo mais geral. Para dar exemplos pode-se pensar que na mesma época, e pela mesma via da incorporação das técnicas de leitura cerrada, Raymond Williams chega na Inglaterra a uma noção de forma rigorosamente simétrica à de Candido. Como nosso mestre, o crítico britânico inaugura na Inglaterra uma versão produtiva de crítica materialista que busca ler a sociedade nas formas da cultura. Acho que não seria forçar muito a nota lembrar que também na Alemanha Adorno já vinha teorizando “a forma artística como conteúdo sócio-histórico decantado”. Claro que a esta generalidade é preciso sobrepor a especificidade do desenvolvimento desigual mas combinado de cada tradição local, mas não seria exagerado afirmar que este primeiro grande momento da crítica cultural materialista pós-ortodoxa se define pela elaboração de uma noção teórica de forma que possibilita reconhecer, avaliar, e, portanto, ajudar a transformar, a realidade social. Penso que o crítico americano Fredric Jameson acertou na mosca ao chamar seu estudo dos críticos culturais do marxismo ocidental de “Marxismo e Forma”. São esses os dois pilares desse primeiro grande momento da crítica cultural materialista pós-ortodoxia.

Em todo caso, o próximo momento dessa crítica no Brasil, o momento fecundo da geração do Grupo Capital vai encontrar parte da casa arrumada. O próprio Schwarz nos chama a atenção muitas vezes para o fato de que sua obra, provavelmente a de maior alcance dentro da produção do grupo, é resultado de uma acumulação teórica aliada a um desenvolvimento objetivo.

Para seguir o fio, basta lembrar que a noção da forma artística como fato social, trunfo da geração anterior, é central para seu trabalho. Ele mesmo explica como essa noção vem da tradição hegeliano-marxista para a qual “os constrangimentos materiais da reprodução da sociedade são eles mesmos formas de base, as quais mal ou bem se imprimem nas diferentes áreas da vida espiritual, onde circulam e são reelaboradas em versões mais ou menos sublimadas ou falseadas, formas, portanto, trabalhando formas...” O forte dessa noção, “está no compacto heterogêneo de relações histórico-sociais que a forma sempre articula, e que faz da historicidade, a ser decifrada pela crítica, a substância mesma da obra.”<sup>7</sup> Não preciso me deter aqui na maneira como essa noção de forma como condensação do real é o ingrediente potente que permite ao nosso Autor desvendar como ninguém o funcionamento da vida social no Brasil. Foi lendo a prosa de Machado de Assis que Schwarz atinou com o mecanismo definidor da vida cultural brasileira, o das idéias fora do lugar. Do mesmo modo, foi na estrutura de *Cidade de Deus* que viu o resultado social da nossa formação abortada, a expressão artística do colapso da modernização como explicitado por Robert Kurz. Essa lista de nomes acaba mostrando também o trabalho de resgate do crítico, que vai liberando o que interessa na cultura brasileira da apropriação anódina e esterilizante da crítica dominante. Reapropria Machado da irrelevância da academia, Paulo Lins da condescendência crítica de vê-lo apenas pelo lado do “escritor-favelado-faz-documentário-naturalista”. A promoção de Kurz cumpre, entre outras, a função de dar o lado real do triunfo do neo-liberalismo: diz Thatcher, com sorriso vitorioso. “Não há alternativa.” O Kurz, posto em circulação entre nós por Schwarz, completa: é verdade, e isto é precisamente o triunfo do horror e da barbárie.

Mas aí já estamos chegando ao presente, ao momento em que se começa a pensar a vida ideológica em um país, ou será em um mundo?, transformado em ornitorrinco.<sup>8</sup> Mas só para fechar, quero retomar o esquema histórico sumário. Que horas são quando se estrutura esse segundo momento da crítica cultural materialista entre nós? Trata-se do que passou para a história, com maior ou menor acuidade cronológica, dependendo do lugar, como os anos 60, com o mítico maio de 68 na França funcionando como marco histórico. O mesmo radicalismo fértil que anima, enquanto o Golpe não chega, o pensamento de esquerda brasileiro, potencializa, para seguir com meus paralelos, a New Left americana e a britânica. Nos Estados Unidos, desfeita a ilusão do excepcionalismo e do isolacionismo com a guerra do Vietnam, o slogan é “Precisamos nomear o sistema”. Na Inglaterra, para

falar como Perry Anderson <sup>9</sup>, também ecoa a necessidade do ponto de vista da totalidade. Em ambos os países, o resultado é uma evidente desprovincianização do pensamento. Para dar dois exemplos, na Inglaterra, com o próprio Raymond Williams, Eric Hobsbawn, Raphael Samuel, o jovem Stuart Hall e Perry Anderson formou-se o que este último chama, com propriedade, da “mais viva república das letras do socialismo europeu.”<sup>10</sup> A New Left americana, para dar um só exemplo, foi o chão de onde se estruturou a obra do primeiro intelectual marxista da globalização, Fredric Jameson.

E no Brasil? Sabemos que o momento formador para Candido foi o do nacional desenvolvimentismo, momento em que “armou um imaginário social novo, que pela primeira vez em nosso país se refere à nação inteira: um imaginário no qual, sem prejuízo das falácias nacionalistas e populistas, parece razoável testar a cultura pela prática social e pelo destino dos oprimidos.”<sup>11</sup> O momento seguinte não permite mais pensar a nação como unidade a ser alcançada de forma autônoma. Arma-se aí o que Schwarz chama de uma nova intuição, feita da consciência de que é preciso articular a peculiaridade do país à história geral do capital. Isso desemboca fatalmente em uma radicalização política que vem da consciência de que o problema real está na “marcha do mundo mais do que na posição relativa de países como o Brasil dentro dela”. Essa mudança de enfoque permite tornar a crítica efetivamente sistêmica e mostra que finalmente temos no Brasil uma geração que tem condições de morder o nervo que articula movimento mundial e repercussão local.

Essa nova articulação permite dar o passo que muda tudo. Para ficar só no âmbito da crítica cultural, vemos que a partir dessa constatação, é possível ver a cultura brasileira como parte não só estruturada mas também como parte estruturante do sistema que rapidamente se mundializa. Claro que não dá para enumerar, e nem seria conveniente fazê-lo aqui, os vários lados da contribuição da obra de Schwarz. Mas como estou apresentando um resumo sumariíssimo dos momentos para chegar aos impasses de hoje, quero destacar três aspectos que estão fundamentando minha afirmação, algo bombástica, de que muda tudo. Do ângulo interno, muda o foco do debate cultural. Quando demonstra o caráter ideológico do eterno embate brasileiro entre imitação ou originalidade cultural, abre espaço para a discussão do que este debate oculta e impede ativamente de ver: a realidade da exclusão dos pobres da vida e da cultura nacionais. Para citar algumas conseqüências: aprendemos aí que o confronto com a realidade brasileira calibra as teorias estrangeiras, lugar que a tradição sempre escolhe para nos interpretar. Assim por exemplo, quando chegou o vagalhão pós-estruturalista, proclamando que cópia

ou original já não valiam mais a pena, estávamos mais desconfiados e prontos para perguntar que história é essa de podermos ser todos diferentes juntos sem que se equilibrassem as relações reais de subordinação. Do mesmo modo, o ponto de vista estruturado pela ancoragem material do funcionamento das idéias nos deixou muito ressabiados com a próxima moda que a globalização pôs na ordem do dia. Vamos nos integrar em uma cultura dita global através de um hibridismo que mascara diferenças reais ou, alternativa igualmente impossível, vamos nos entrincheirar na defesa de uma cultura nacional pura que nunca existiu? Não por acaso, essas alternativas ideológicas ecoam o debate entre cópia e imitação. Como tínhamos lastro, estávamos prontos para perguntar o que nesta hora o debate está querendo esconder e ver que, de novo, está querendo impedir a discussão do que interessa, no caso o caráter de um sistema global de fechamento de alternativas. O desvendamento do funcionamento real da cultura no Brasil possibilitou que finalmente se estruturasse um ponto de vista a partir do qual é possível aferir e testar o debate cultural contemporâneo.

Do ângulo que podemos chamar, para efeitos da exposição, de externo, o enfoque totalizante da crítica cultural como praticada a partir desse segundo momento, permitiu elevar nossas peculiaridades a elementos de um sistema que tem funcionamento específico porém integrado em várias partes do mundo. Explico usando, de novo, a própria explicação do Autor. A nova percepção possibilita ver que o pensamento no Brasil trabalha com categorias históricas que são postas para funcionar em um espaço “diverso porém não alheio” ao espaço onde essas categorias foram plasmadas. Este espaço é diverso pois o processo de colonização não se deu para criar sociedades semelhantes a das metrópoles, e nem a ulterior divisão internacional do trabalho almejava igualar as nações, mas um espaço da mesma ordem, porque também ele é comandado pela dinâmica abrangente do capital, “cujos desdobramentos lhe dão a regra e lhe definem a pauta.”<sup>12</sup> Então o que ocorre no Brasil tem significado e poder de revelação para explicar desenvolvimentos em outros países periféricos – não é a toa que estão lendo Schwarz para explicar o Canadá, a Argentina, a Irlanda e, se bobear, até a Coréia. Mais importante ainda, esse ponto de vista da totalidade nos permite enxergar um pouco além do véu da ideologia e efetivar a crítica do que se diz que acontece no centro pela comparação do que de fato se dá no lado periférico.

O terceiro aspecto é que coloca críticos da minha geração, as dos Narengborenen, para lembrar o Brecht, em uma tremenda enrascada. E não me refiro apenas ao aspecto aterrador de ter que levar adiante o que eles

realizaram. Sabemos que os tempos não são de gigantes. Mas tanto o primeiro momento quanto o segundo mudaram o caráter e a função da crítica cultural. Mostraram que crítica cultural é uma forma de aferição social. Ensinaram que os procedimentos da crítica tem pressupostos e tarefas que não são do próprio âmbito da crítica e que antes de qualquer ato crítico temos que levar em conta esses pressupostos. A enrascada é como cumprir esse programa rigoroso quando a maré está ainda menos para peixe do que antes.

E com isso fazemos uma aterrissagem forçada em nosso próprio momento que, como todos os outros, nos obriga a encontrar nossa própria resposta para a questão de sempre: Que fazer?

O contexto de nossa prática pode ser definido, para adaptar uma formulação de Fredric Jameson, como o momento da modernidade singular<sup>13</sup>. Não há mais modernidades alternativas. Claro que entre gente de esquerda sempre se soube que modernidade é o bônus ideológico do capitalismo, sistema constitutivamente incapaz de produzir qualquer forma de utopia, que não seja a utopia do consumo perpétuo e do desejo sempre burlado pela substituição da satisfação de necessidades reais pelo vazio do fetiche. Mas ocorre que o momento em que vivemos, que tem sido caracterizado por muitos como o da globalização ou capitalismo tardio, tem a peculiaridade de se caracterizar justamente por uma sistematização e standardização muito mais completas do que em qualquer outro momento precedente da história do sistema: trata-se de um processo social onde os valores culturais, incessantemente veiculados pela mídia tem o papel fundamental de azeitar o funcionamento da sociedade, não mais preponderantemente através da propagação da ideologia como falsa consciência, mas através da propagação da ideologia dominante por meio das mercadorias. Idéias, noções e significados não tem mais o mesmo peso social que tinham quando um crítico militante se propunha desmascarar a ideologia burguesa. Mais talvez do que na própria época de Adorno, fica mais fácil entender agora o que ele queira dizer com: “A mercadoria é sua própria ideologia.” Hoje, como disse recentemente o crítico marxista Žižek adaptando a formulação de Marx, não se trata mais de eles não saberem o que fazem \_ fazem sabendo muito bem que o fazem e fica tudo por isso mesmo. Vivemos o tempo da razão cínica, o espaço onde nenhum tipo de “modernidade” parece atraente para as pessoas com o coração no lugar certo.

O que faz um crítico cultural nessa situação? Denuncia os produtos da indústria cultural? Mostra, de novo, como eles não tem conteúdo algum e servem para impedir que as pessoas pensem sobre a natureza real de suas

vidas ou que os treinam para um papel social funcional na sociedade constituída, ou, ainda, que os incitam ao consumo?

Tudo isso é verdade, e acredito que é um trabalho interessante de muita crítica cultural contemporânea, mas penso que para gente como nós, que tira sua poesia do futuro, é pouco. Some-se a isso o fato de que, por mais aprendamos todos os dias das formas mais dolorosas que o nacional desenvolvimentismo está historicamente inviabilizado, há um sentido em que todos sentimos que devemos ainda “explicar o Brasil para salvar o Brasil”. Mas agora aprendemos que tão necessária e almejada salvação nacional tem que passar necessariamente pela crítica do sistema vigente e vicejante, que impede a solidariedade social, corolário de qualquer salvação digna do nome, e emperra as possibilidades de conceber formas menos bárbaras de vida em comum. A nossa questão cabeluda é a de como gerar alternativas nesse solo em que não nascem mais flores, nem mesmo as amarelas do medo. E mais ainda, temos que fazer isso com um olho aqui e outro na discussão geral que nos compete testar na nossa qualidade de fratura exposta do capitalismo internacional. Tanto quanto nossos colegas de esquerda do centro, temos que lutar contra a incessante obra de colonização do futuro. Como coloca Jameson, a questão para a crítica contemporânea é deslocar a temática da modernidade pelo desejo da utopia e para tal, necessitamos construir uma ontologia do presente que exija mais do que previsões do passado, uma arqueologia do futuro.

Acho que todos concordamos mas quando chega o momento de definir que prática ajuda essa arqueologia do futuro que tem que ser levada a cabo no quadro geral de crise nos imobilizamos na perplexidade. Claro que não tenho respostas, e muito menos soluções, e nem acreditaria em ninguém que me dissesse que as tinha. Aprendi com os dois grandes momentos da crítica no Brasil que estas soluções são esforços coletivos de soma, não façanhas de críticos individuais, embora eu tenha aqui me detido mais nos nomes do Antonio Candido e do Roberto Schwarz. Mas gostaria de terminar dando modos de ler as possibilidades e impedimentos do nosso momento e de como podemos ensaiar os primeiros passos titubeantes no sentido de entrever o que poderia ser uma agenda para nossa prática. Claro que acredito que qualquer continuidade tem que vir apoiada no legado dessa tradição que nos dá régua e compasso. Não foi por outra razão que me permiti retomar os termos dessa herança. Penso que esta agenda pode ser delineada dentro dos parâmetros que ela nos coloca: de novo será preciso inventar as ca-

tegorias que dêem conta de explicar a realidade sócio-histórica, de novo será preciso recolocar formas de entender o funcionamento integral de um sistema que parece sempre encontrar uma forma nova de ser ele mesmo. Como o espaço é curto, vou apenas enumerar, três pontos que acho que teriam que figurar nessa agenda.

O primeiro é o de continuar a acelerar o negativo nessa nossa era de cultura e crítica quase que essencialmente afirmativas no sentido Marcuseano do termo. O exemplo mais à mão, de novo, é a obra recente do Roberto Schwarz, como o ensaio “Fim de Século” ou no que já foi chamado de “cartografia da exceção e da regra no Brasil” de hoje como configurado no *Elefante* de Chico Alvim. Cada vez mais é necessário ativar esse potencial de negatividade. Dada a forma de organização turbinada do capitalismo contemporâneo, esse exercício deve passar necessariamente por uma análise da forma mercadoria, cujo poder de enfeitiçar marca nossa vida cotidiana, nossas formulações culturais e mesmo a as nossas críticas.

O segundo tem a ver com a possibilidades abertas pela nossa situação periférica. Aprendemos com nossos predecessores que nossa posição peculiar no sistema mundial, sem prejuízo da carga potencializada do coeficiente de desigualdade e iniquidade sociais por metro quadrado – pode nos franquear um ponto de vista menos iludido. Ideologia de segundo grau mascara menos que ideologia *tout court*, e o confronto dos significados e valores promovidos pela universalização do capital com a realidade da periferia deveria impedir que embarcássemos na onda celebratória do presente como o momento do triunfo incontestável de uma forma de vida e da impossibilidade de formas alternativas. Dizendo a mesma coisa de outro modo, o fato de que o sistema está baseado em uma contradição de base e não pode senão gerar efeitos contraditórios é mais evidente aqui do nosso ângulo periférico. Uma parte relevante de nosso trabalho de crítica seria então o de mostrar essas contradições como figuradas na produção cultural possibilitando o mapeamento do emergente, o reconhecimento dos significados e dos valores que procuram contestar o que está dado e apontar para formas mais felizes de sociabilidade.

Um terceiro e último ponto desse esboço de agenda é combater um dos efeitos da compartimentação crescente da vida contemporânea. É preciso pensar maneiras de reverter a segregação da nossa atividade crítica na academia buscando formas de democratizar nosso saber, de construir pontes com movimentos sociais e descobrir como se pode ser um intelectual orgânico de uma força social que ainda não se configurou.

Sinto muito que os termos dessa agenda sejam ainda muito abstratos, não muito mais do que um protocolo de boas intenções e de definição de possibilidades. Mas acho que precisamos começar a pensar formas de redirecionar o foco do nosso trabalho crítico. Para ficar no mais próximo, podemos falar de nossos alunos. Lembro-me de uma entrevista do Paulo Arantes concedida em 1996 em que ele dizia que nem cem Antonio Candidos conseguiriam reparar o dano cultural infligido aos alunos de humanidades brasileiros, descritos “como pessoas mentalmente desmobilizadas.”<sup>14</sup> Não sei se é geral, não sei se vai durar, mas percebo uma mudança clara no interesse dos alunos de hoje: já são muitos os que estão empenhados em aprender a explicar o mundo para modificá-lo. Não sei se estou sendo, como diria o Antonio Candido, indevidamente *optimista*, mas vejo isso como um entre os índices de que estamos vivendo um momento interessantíssimo de modificação da situação objetiva no Brasil. Basta comparar o cinismo das certezas inabaláveis do pensamento único dos anos 90 – o marco em que se dá a avaliação de Arantes – com as perplexidades dos nossos dias. O capitalismo, como sempre, prometeu e não entregou a mercadoria de um mundo melhor. A sua atuação nefasta espalha o horror por todo lado, mas começa também a adquirir as qualidades de visibilidade que se mascaram em tempos em que suas realizações fazem um mínimo de sentido. A globalização atrapalha muita coisa, mas possibilita por exemplo que se forme a consciência de que o problema central é um sistema totalizante de relações.

Sem querer abusar do defeito de eletrocutar mediações, podemos pensar em um exemplo no âmbito da crítica cultural. Há dez anos era preciso se desculpar por usar palavras como totalidade – hoje, mesmo os até ontem defensores das micro-políticas ou das transgressões da textualidade, estão começando a desconfiar que sem totalizar “não dá para ir nem na esquina.” Está aberto um espaço onde nossa atuação de críticos culturais materialistas pode ser ouvida e fazer a diferença, por mínima que seja, que pode fazer uma prática crítica. Os críticos que nos precederam estiveram à altura de sua hora histórica. Só resta ter esperança de que aconteça o mesmo com a próxima geração.

## Notas

- <sup>1</sup> Antonio Candido. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo, Livraria Martins Editora, s.d., p. 109.
- <sup>2</sup> Roberto Schwarz. “Um Crítico na Periferia do Capitalismo”. Entrevista concedida a Luiz Henrique Lopes dos Santos e Mariluce Moura. *Revista Pesquisa Fapesp*. 103, setembro de 2004, p.105.
- <sup>3</sup> Roberto Schwarz. “Pressupostos, salvo engano, da Dialética da Malandragem”. In: *Que Horas São?*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p.150.
- <sup>4</sup> idem ibidem, p.153.
- <sup>5</sup> Antonio Candido. *Literatura e Sociedade*. (1965) São Paulo, T. A. Queiroz Editor, 2000, p.4
- <sup>6</sup> Christopher Caudwell. *Illusion and Reality*. (1937). Londres, Lawrence and Wishart, 1977, p. 65.
- <sup>7</sup> Roberto Schwarz. “Adequação Nacional e Originalidade Crítica”. In: *Sequências Brasileiras*. São Paulo, Cia das Letras, 1999, pp. 30-31.
- <sup>8</sup> A referência aqui é ao livro de Francisco de Oliveira, *Crítica à Razão Dualista e O Ornitorrinco*. São Paulo, Boitempo, 2003.
- <sup>9</sup> Refiro-me aí ao ensaio “Components of the National Culture” de 1968, republicado em *English Questions*. Londres e Nova Iorque, Verso, 1992, pp. 48-104.
- <sup>10</sup> Perry Anderson. “A culture in contraflow”. In: *English Questions*. Londres e Nova Iorque, Verso, 1992, p.197.
- <sup>11</sup> Roberto Schwarz. “Fim de Século”. In: *Sequências Brasileiras*. p. 157.
- <sup>12</sup> Roberto Schwarz. “Um Seminário de Marx”. In: *Sequências Brasileiras*. p. 95.
- <sup>13</sup> Fredric Jameson. *A Singular Modernity*. Londres, Verso, 2002.
- <sup>14</sup> Paulo Eduardo Arantes. “Ajuste Intelectual”. Entrevista concedida a Fernando Haddad e Jorge Mattos Brito de Almeida. In: Fernando Haddad. *Desorganizando o Consenso*. Petrópolis, Vozes, 1998, p. 32.

Resumo: Esse ensaio relembra as tarefas históricas cumpridas por dois diferentes momentos da tradição de crítica cultural materialista brasileira, exemplificada nas obras de Antonio Candido e Roberto Schwarz como uma base para a proposta de uma agenda para a prática contemporânea.

Palavras-chave: Teorias da cultura, crítica cultural materialista, Antonio Candido, Roberto Schwarz.

Abstract: This essay retraces the historical tasks carried out by two different moments of a Brazilian tradition of materialist cultural criticism, as exemplified in the works by Antonio Candido and Roberto Schwarz, as a basis for the proposition of an agenda for present practice.

Key Words: Cultural Theory, Materialist cultural criticism; Antonio Candido, Roberto Schwarz.

*Recebido para publicação em 30/04/2005. Aceito em 10/05/2005.*